

Tentem olhar para um relâmpago quando, rasgando nuvens negras como carvão, treme, ofuscante, num dilúvio de brilho. Assim são os olhos de Annunziata, moça de Albano. Tudo nela faz lembrar aqueles tempos da Antiguidade em que o mármore ganhava vida sob o cintilante cinzel do escultor. O negrume da trança enrolada em dois anéis grossos pesa-lhe sobre a cabeça, e quatro madeixas compridas e encaracoladas caem-lhe ao longo do pescoço. Para onde quer que ela vire a brilhante neve do rosto, a sua imagem grava-se toda inteira nos corações. Põe-se de perfil — uma divina nobreza lhe respira no perfil, e nele mora uma formosura de traços tal que jamais algum pincel criou —, inclina-se e mostra a nuca, com o maravilhoso cabelo puxado para cima, revelando o pescoço deslumbrante e a beleza

de uns ombros nunca vistos na terra — também é divina! Mas a maravilha das maravilhas é quando nos olha frontalmente nos olhos, arrepiando e desfalecendo-nos o coração. A sua voz profunda tine como cobre. Nenhuma pantera flexível se compara com ela em celeridade, força e orgulho de movimentos. Tudo nela é uma obra-prima da criação, desde os ombros até ao pé vivo e clássico, até ao último dedinho do seu pé. Vá para onde for, abre-se-nos diante dos olhos uma tela: se vai pressurosamente à fonte, levando à cabeça um cântaro de cobre forjado, todas as redondezas se impregnam de uma divina harmonia — as linhas milagrosas dos montes de Albano estendem-se mais leves até ao horizonte, a profundidade do céu romano torna-se mais azul, o cipreste lança o seu voo ainda mais vertical e direito, e o pinheiro manso, a rainha de entre as belas árvores meridionais, esboça no céu com mais precisão e pureza a sua copa umbelada quase nadando no ar. Então, tudo — a fonte onde, nos degraus de mármore, se juntam as cidadinas de Albano, conversando nas suas vozes sonoras e argêntas, enquanto a água ruidosa e diamantina jorra em arco para as bacias de cobre, e a própria multidão de mulheres —, tudo é só para ela, para salientar o triunfo da sua beleza e revelar como lidera tudo, como uma czarina na sua

corte. Ou num dia festivo em que a escura *galleria* de árvores que leva de Albano a Castel Gandolfo se enche de povo vestindo de gala, em que os peralvilhos *minenti*¹ brilham, aqui e ali, com os seus atavios de veludo, cintos de cores vivas e uma flor dourada no chapéu de lanugem, sob as suas abóbadas sombrias, em que os burros de olhos semicerrados vão a passo ou a trote, transportando — pinturesco quadro — as mulheres esbeltas e fortes de Albano e de Frascati, com coberturas de cabeça brancas que se destacam de longe, ou arrastando, de jeito nada pitoresco, mas a custo e tropeçando, um imóvel inglês esgrouviado de impermeável cor de ervilha, com as pernas encolhidas em ângulo agudo para não riscar a terra com as botas, ou um pintor de blusa com sua caixa de madeira a tiracolo e elegante barbicha à van Dyck, enquanto o sol e a sombra perpassam alternadamente todo o grupo — também esse dia festivo fica muito melhor com ela do que sem ela. O fundo da galeria, a sombria escuridão, apresenta-a em todo o resplendor e brilho. O pano purpúreo do traje albanino dela, a florado pelo sol, acende-se como brasas. Uma festa miraculosa emana do seu rosto ao encontro de toda a gente. Então, ao vê-la, tudo para, atordado: o janota *minente* com a flor no chapéu, lançando uma involuntária exclamação; o inglês de

impermeável cor de ervilha, esboçando um sinal de interrogação na sua cara imóvel; o pintor de barbi-cha à van Dyck, permanecendo sem se mexer, mais do que todos, e matutando: «Pois é, seria um excelente modelo para retratar Diana, ou a soberba Juno, ou as sedutoras Graças, todas as mulheres que alguma vez foram pintadas!» — e cogitando ainda com atrevimento: «Seria um paraíso se esta maravilha ficasse para sempre comigo, embelezando o meu humilde *atelier!*»

Mas quem será aquele, cujos olhos a seguem com tão grande persistência? Quem captura todas as palavras dela, todos os seus gestos e reflexos do pensamento no seu rosto? É um jovem de vinte e cinco anos, príncipe romano, descendente de uma família que constituía outrora o orgulho, a honra e a desonra da Idade Média, mas que hoje se apaga, esquecida, no seu magnífico palácio com as paredes cobertas de frescos de Guercino e dos Carracci, com uma galeria de pintura fosca, com os estofos dos móveis desbotados, mesas azuis e um *maestro di casa*² vetusto, de cabelo branco. Foi a este jovem que as ruas romanas viram, há dias, com os olhos negros arremessando fogo por cima da capa lançada sobre o ombro, com um nariz de linha clássica, com brancura de marfim na frente e, caída sobre ela, uma volátil madeixa se-

dosa. Apareceu em Roma depois de quinze anos de ausência, tendo-se transformado de criança em jovem orgulhoso.

O leitor precisa contudo de saber como tudo isto aconteceu, pelo que percorreremos resumidamente a história desta vida, ainda jovem mas marcada já por impressões muito fortes. A sua primeira infância passou-se em Roma; foi educado de acordo com a tradição dos dignitários romanos, cuja época está em vias de expirar. O papel do seu professor, precetor, aio, numa palavra, tudo, foi desempenhado por um abade, adepto severo da cultura clássica, das cartas de Pietro Bembo, das obras de Giovanni della Casa e de cinco ou seis canções de Dante, nunca as lendo senão acompanhadas das poderosas exclamações: «Dio, che cosa divina!» e, dois versos mais adiante: «Diavolo, che divina cosa!» — consistindo nisto, e só nisto, toda a sua tarefa de apreciação e crítica literária, virando o resto da conversa para as hortaliças — brócolos e alcachofras —, a sua matéria preferida; também sabia perfeitamente em que época do ano a vitela era da melhor qualidade e a partir de que mês se devia comer o cabrito, e adorava cavaquear sobre estes assuntos quando encontrava na rua o seu companheiro, outro abade; enfiava com grande destreza nas suas panturrilhas roliças meias de seda